



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

ENSINO DE ÉTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL: UM ENSAIO TEÓRICO SOBRE O DIA A DIA DE UM PROFESSOR DE MÚSICA

***Thelma Nunes Taets, Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets and Maria Judith Sucupira da Costa Lins**

Federal University, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 18th October, 2019

Received in revised form

17th November, 2019

Accepted 26th December, 2019

Published online 29th January, 2020

Key Words:

Rock phosphate, Oil palm,
Seedlings, Nursery, Microbe plus.

*Corresponding author: **Thelma Nunes Taets**

ABSTRACT

Trata-se de um ensaio teórico sobre o dia a dia de um professor de música da educação básica no Brasil. Esse estudo apresentou uma reflexão sobre o ensino de ética, pensando nas dificuldades materiais e humanas, por que passa a educação, a sala de aula e o professor. A educação é um reflexo do momento sócio afetivo, cultural, político e econômico que vive a sociedade contemporânea, e, da mesma forma, o inverso acontece. Educação e sociedade se influenciam mutuamente. São interconectadas. Pode-se concluir que o professor deve refletir sobre as possibilidades de uma educação voltada para a ética e para os valores durante o decorrer do ano letivo, nas salas de aula e fora destas, em todas as disciplinas, de forma sistemática e intencional, criando e recriando outras metodologias e elencando outros recursos. Os trabalhos e atividades desenvolvidos devem conter posturas, comportamentos e atitudes que incentivem o desenvolvimento de virtudes tais como justiça, respeito, temperança, fortaleza e honestidade, as quais devem e podem ser traduzidas em hábitos de valor, possibilitando vivências e trocas significativas entre os alunos e professores, trazendo outra realidade para a sala de aula, para a escola, para a sociedade.

Copyright © 2020, *Thelma Nunes Taets et al.* This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: *Thelma Nunes Taets, Gunnar Glauco De Cunto Carelli Taets and Maria Judith Sucupira da Costa Lins.* 2020. "Ensino de ética na educação básica no brasil: um ensaio teórico sobre o dia a dia de um professor de música", *International Journal of Development Research*, 10, (01), 33204-33209.

INTRODUCTION

O exercício como professor de música nas séries iniciais do Ensino Fundamental conduz a uma reflexão quanto ao espaço ocupado pelas práticas pedagógicas ali desenvolvidas, principalmente, no que tange ao ensino da música e nas possibilidades que apresenta para a construção de virtudes. Vivenciar a música em sala de aula na escola de ensino regular é singular para todos os envolvidos sejam alunos ou professores. É uma experiência que se renova a cada encontro, a cada aula. Ter a consciência do valor do que se ensina e para quem se ensina entendendo-se a importância dessa relação no processo pedagógico-ético-musical tem impulsionado o cotidiano de sala de aula de professores de música. A não acomodação visando o aprimoramento ao longo do magistério, faz com que se perceba o material que existe à nossa disposição, de modo a criar e recriar a realidade, de vivenciar uma identidade ou simplesmente ser professor para os alunos e com os alunos. Todo professor tem vontade de mudar (Lopes, 2005). Desejo muitas vezes escondido, porque mudança implica em mostrar resultados. É preciso uma vontade determinada e um olhar direcionado muito mais para o

outro do que para si próprio na obtenção do significado daquilo que se pode mudar ou modificar. Os objetivos nem sempre estão claros, no início de uma proposta alternativa. O sentido da transformação presente no próprio processo social da educação de constante mudança e renovação é uma característica do professor e mesmo como qualidade atemporal (Nóvoa, 2000). Observa-se então a identidade do professor e sua atuação em duas dimensões: individual e coletiva, em especial a profissional (Gomes, 2008). Pode-se apontar a identidade do eu e a identidade do outro (Dubar, 1991).

Oportuno destacar o pensamento de Meksenas (2003, p.7):

"Os modos como vivemos nossos papéis nos diferentes grupos se influenciam mutuamente, de forma que nossa identidade se constitui pela interação das especificidades desses grupos aos quais pertencemos. Isso significa que a identidade possui variadas dimensões, que se articulam e mudam no tempo: na verdade, não temos identidade, mas sim identidades".

O ser humano é dotado de uma vontade de significado que motiva a sua busca no sentido da existência e constitui-se

como uma necessidade fundamental para a construção das identidades, o que pode se justificar na busca e resgate de uma vitalidade traduzida como uma característica própria de um professor ou que se espera encontrar em um professor (Frankl, 1974). O aluno não apresenta muitas vezes imagem dócil e tão pouca a imagem do professor é vista como símbolo de autoridade (Gomes, 2005). Portanto, pode-se observar que as expectativas em relação aos alunos e professores mudaram radicalmente. O ensino e a aprendizagem podem adequar-se às necessidades do cotidiano da sala de aula e tornar as relações mais humanas, e estas, se fazem necessárias para que a sala de aula possa ser vista como um ambiente seguro para desenvolver valores morais. A moral do bem não é aquela guiada pelo risco de punição ou promessa de premiação, mas pela solidariedade e pela reciprocidade (Roratto, 2010; Piaget, 1977). Estabelecendo a Relação entre o Ensino de Ética, Construção da Identidade e Educação em Valores do professor de música na contemporaneidade. A relação Ética e Educação está presente na Lei de Diretrizes e Bases, Lei 9394/96 e de forma explicitada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 que estabelecem o Ensino de Ética por meio de Temas Transversais ligadas às práticas escolares brasileiras (Brasil, 2008).

De modo simples e direto, autores afirmam que ética é a ciência que lida com o comportamento, na medida em que este é considerado como certo ou errado, bom ou mau em suas relações de convivência, no dia a dia da sala de aula, da vida escolar e familiar (Dewey e Tufts, 1952, p.3). Não é um código de leis, faça isto, faça aquilo, mas o exercício da vontade bem orientada que busca o bem comum, segundo critérios de valor baseados no respeito mútuo, na responsabilidade e compromisso, na cooperação, no diálogo e na amizade. Pode-se dizer que o professor de música no seu cotidiano, encontra-se em constante desafio e deve encontrar soluções a todo o momento. A sala de aula, muitas vezes é desfavorável, observando-se que poucas escolas oferecem sala de música e instrumentos à disposição do professor e dos alunos para que a música possa se fazer, realmente. Muitos são os desafios para o professor de música, que vê a arte da música transformada em disciplina. E como produzir arte, encantamento e a despertar a curiosidade dos e nos alunos? Um autor interroga como educadores encravados em seu cotidiano podem levar as crianças a vislumbrar um mundo diferente? Este mesmo autor responde: formar homens iguais àqueles que já existem é mais fácil que formar homens diferentes (La Taille, 1996, p.156). Fundamentado nesse questionamento, é pertinente lembrar que o professor tem vontade de mudar, de buscar alternativas para ensinar e aprender (Lopes, 2005). O professor de música de educação básica, quando está em sala de aula com um grande quantitativo de alunos, pode pensar outro direcionamento à música diferente de tornar o aluno instrumentista, como violonista, tecladista, flautista. E como obter um diferencial para as aulas de música? Sem ter espaço, tempo e material adequado. Como transformar o que é ensinado em aprendizagem significativa? O professor precisa de um fio condutor de um objeto possível para se alcançar. Poderá dispor da realização de jogos musicais, parlendas, canto coletivo com canções variadas, vídeos explicativos e informativos com os elementos musicais. Mas, ainda assim, precisa de algo mais, para que o ambiente escolar não se torne apenas mais um espaço de educação formal, mas um espaço determinante para a experiência social (Roratto, 2010).

A afetividade, a moralidade e a inteligência desenvolvem-se e transformam-se interconectadas. O ensino da música pode favorecer o aluno no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, linguísticos, psicomotores e sócio-afetivo (Weigel, 1988, p.11), que podem ser considerados atributos próprios do *fazer música* (Small, 1995). Esse autor observa que a *performance* musical tem início já na entrada da sala de aula, na movimentação inicial dos alunos e professores, no próprio manuseio do material a ser utilizado, do simples caderno às letras de músicas impressas, às partituras musicais ou à confecção e execução de pequena percussão feita de instrumentos recicláveis. Pode-se abordar uma atividade de ensino e aprendizagem de canto coletivo, com apresentação de vídeo e interpretação da mensagem contida na letra da música. A partir da audição e canto dessa música as atividades podem ser desenvolvidas, tendo em mente a realização de uma vivência prática e de forma que possa abranger e promover a interdisciplinaridade. Na música pré-escolhida pelo professor, de acordo com o tema da aula e objetivos, o professor irá destacar, junto com os alunos, por meio de intervenções e reflexões, as virtudes que se encontram na mensagem da letra. O professor ajudará os alunos a direcionar a compreensão para o objeto que se pede naquela mensagem cantada, transpondo as virtudes que ali estão para a realidade do aluno. Com a continuidade da atividade espera-se concorrer para formar, no aluno, o hábito de analisar os contextos retratados nas letras das músicas, em experiência real: aquisição, construção, retenção e generalização na obtenção de um determinado conhecimento (Sucupira Lins, 2004).

Dessa forma concorrer para a formação de uma consciência crítica nos alunos, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento dos valores morais. Importante que sejam fixados os valores que serão vivenciados, de modo que seja realizado um trabalho sistemático e intencional. Se possível, que outros professores se integrem à ação de construir os valores na escola, ampliando as interações e compartilhamentos. A cada aula, o processo do fazer pedagógico se renova como um ritual importante no espaço escolar, o qual contribuirá para dar significação à atividade e sentido de pertencimento, de real importância na formação integral do aluno em desenvolvimento (Small, 1995). A música pode facilitar a apresentação de novos conhecimentos com oportunidades de reflexão e valorização para atitudes de cooperação, de respeito, de amizade, de diálogo. Devemos considerar que a formação de um professor e consequentemente a construção de sua identidade profissional deve ser vista como resultado de um processo de construção de múltiplas identidades, amalgamado dentro dessa mesma sociedade que está atravessando transformações estruturais (Gomes, 2005) e que, desestabilizam as relações sociais nos marcos reguladores do comportamento ético (Roratto, 2010). A música está em nosso meio e dela pode-se obter benefícios, muitas vezes, pouco explorados e nesse dinamismo espera-se que o professor esteja atento às necessidades de ensino e aprendizagem perante as exigências sociais contemporâneas e ao mercado de trabalho, a partir de uma ética que torne as relações mais humanas (Roratto, 2010). Ao se pensar em estabelecer a relação entre ética, construção da identidade e educação em valores de um professor de música na contemporaneidade, sente-se a necessidade de um estudo mais abrangente sobre ética e moral. Os professores consideram que a educação moral ou em valores deve estar presente na escola por possibilitar a construção da cidadania, de indivíduos conscientes de seus direitos e deveres e participantes da

sociedade (Goergen, 2007). Ainda segundo o mesmo autor, a educação de valores pode oferecer uma importante contribuição para minimizar as injustiças do mundo e contribuir para construção de um mundo social mais humano e mais responsável. Acredita-se que a educação tem um papel fundamental na formação do sujeito moral, crítico e autônomo e deva ser transparente em sua finalidade humana. Muitas podem ser as relações possíveis entre ensino e aprendizagem, professor, escola e virtudes. Tais relações dependem de que forma vemos as possibilidades apresentadas pela educação pois a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo diferentes etapas: aquisição, construção, retenção e generalização na obtenção de um determinado conhecimento (Sucupira Lins, 2007).

Pode-se pensar a moral como forma de julgamento que efetuamos dos atos, classificando-os como correta, justa ou boa ou seu contrário. Pode-se, ainda, considerar como moral os sentimentos que temos por outras pessoas em determinadas situações; por exemplo, sentimentos de compaixão, de solidariedade, de piedade, de altruísmo. Também se considera a moral a partir dos valores que utilizamos como critérios de julgamento de atos, de pessoas, de situações de liberdade, de igualdade, de honestidade, de fidelidade e tantos outros e, finalmente, a partir das virtudes segundo as quais exercitamos esses valores, e que vemos como características de personalidades morais; por exemplo, uma pessoa honesta, fiel, solidária e bondosa (Menin, 2007; La Taille, 2006). Para se posicionar com relação ao tema do ensino de ética, um autor diz que é necessário entender o que está acontecendo com os valores numa sociedade em que o trabalho, a família, as relações entre gerações e entre sexos mudaram (Charlot, 2007). Nesta perspectiva se encontra também um filósofo que afirma que a sociedade contemporânea está imersa num estado de desordem moral, resultado da falta de valores morais que poderiam guiar as ações do sujeito (MacIntyre, 2001). E por conta dessa desordem moral, a ética é deixada de lado, e os indivíduos relacionam os bens superiores da vida aos produtos externos das atividades que realizam como o dinheiro, a fama e o poder.

Não se pode ignorar que os problemas advindos dessa desordem moral afetam diretamente o trabalho do professor, atingidos pela difícil interação social com as comunidades onde as escolas estão inseridas, por sentimentos de insegurança em relação à sua integridade física e pela insatisfação com as condições de trabalho além do baixo reconhecimento social (Gomes, 2005). Estamos vivendo uma crise dos valores morais pela nova conformação da sociedade (Chauí, 1992). Os valores sociais e os laços humanos estão enfraquecidos, o que repercute na educação (Bauman, 2001) e a permanente tensão nas relações sociais que se regem pela competição (Boff, 2003). Percebe-se um direcionamento em comum: estamos numa situação peculiar onde reina o emotivismo, em que se perdeu a racionalidade e se passou para uma ética vivida por meio da tomada de decisões segundo preferências e opiniões pessoais (MacIntyre, 2001, p.300). O eu emotivista segundo o respectivo filósofo é um traço comum nos dias de hoje da existência humana. Isso torna os indivíduos alheios ao outro, ao bem comum e a qualquer perspectiva ética, já que dentro desse individualismo emotivista, as pessoas se tornam insensíveis às verdadeiras demandas da humanidade. Essa característica contemporânea da existência humana torna urgente a necessidade de uma nova construção ética dentro da atualidade, principalmente e a partir da realidade escolar.

Desse modo, nessa realidade, MacIntyre propõe a volta às virtudes. A educação de virtudes é uma preocupação antiga, já descrita por Aristóteles e que vem sendo retomada na contemporaneidade (MacIntyre, 2007; Sucupira Lins, 2007,2015). Em sua filosofia, Aristóteles expõe a importância da construção do agir humano a partir da prática das virtudes e considera a busca da felicidade (eudaimonia) o fim último da existência do Ser Humano e que esta se concretiza no ambiente social e por meio do bem comum. Dessa forma, Aristóteles considera que o homem não nasce pronto e, por isso, precisa aprender desde a infância a praticar as virtudes, a partir das experiências do cotidiano de forma que seja construído o hábito, ou seja, algo que se apresenta em sua vida e o possibilita prosseguir em busca do bem comum. A relação de importância no cumprimento das regras, pois para ele o desenvolvimento moral é um processo de construção interior: as regras externas são internalizadas somente quando são construídas a partir da apreensão do seu sentido vivido em experiências do cotidiano (Piaget, 1976). É importante mencionar que este autor foi pioneiro em estudar a progressiva construção da moralidade como forma de respeito às regras e de julgamento. As descobertas dele propiciam outras frentes de investigação na área da moralidade e trazem importantes implicações educacionais. Se educar moralmente significa a busca de autonomia, e se autonomia significa a capacidade de construir valores e regras com os quais se concorda em submeter considerando os benefícios para o maior número de envolvidos, então, os métodos dessa educação moral, não podem ser autoritários, mas *ativos*, levando os alunos à construção da autonomia moral (Piaget, 1976).

Moral para Piaget está circunscrita no âmbito da *ação humana*. Ela não é teórica, pertence a um jogo de construções e reconstruções quotidianas em que a cultura participa ativamente, em que os indivíduos se tornam heterônomos e autônomos. Ética, em Piaget, não pode ser definida somente como a construção do pensamento moral, pois que implica uma competência operatória. Por exemplo, julgar um ato do outro significa colocar-se no lugar desse outro, do ponto de vista da cooperação, da solidariedade, da liberdade, do diálogo e da responsabilidade, esse são princípios constitutivos do indivíduo autônomo e também do indivíduo ético. Autonomia é uma finalidade da Educação em geral e justiça, solidariedade, respeito, diálogo, são condições da construção autônoma de moralidade e, ao mesmo tempo, suas finalidades. Uma clarificação de valores é necessária, tanto por parte dos professores e da direção da escola, como por parte dos alunos. Muitas vezes essa clarificação pode se iniciar com a percepção e a tomada de consciência de situações de desrespeito, desigualdade, injustiça que permeiam as relações dentro e fora da escola. Dentre as habilidades essenciais para uma formação moral para a autonomia, a capacidade para o diálogo aparece como a mais fundamental. Se valores devem ser construídos coletivamente, ao invés de impostos, o diálogo, entre professores, alunos e demais membros da escola, é a condição dessa construção e pode ser planejado e previsto em diferentes espaços e momentos da vida na escola. Sob o olhar da teoria piagetiana, o ensino de ética deve ser vivenciado de forma específica e sistematizado, a permear os diferentes arranjos de tempo e espaços escolares de todas as disciplinas (Puig, 1998, 2000). Da mesma forma, a importância da relação Ética, Virtudes e Educação, deve ser observada sempre com referência a um processo educacional sistemático e intencional, pois estão intimamente ligadas como campos dinâmicos, de conhecimento e de ação social (Sucupira Lins,

2004). Da escola se espera que possa se posicionar moralmente em relação a certos valores fundamentais para que, de fato, possam atuar como elementos necessários de formação autônoma dos alunos. Nesse caminho pode-se apontar a importância que a escola tem na formação moral das crianças e jovens, para que tenham suas ações pautadas pela excelência, de modo eles serão capazes de compreender a importância das suas ações para o conjunto da sociedade. Cabe ao professor uma série de funções dentro do ensino de ética, entre elas destacam-se: participar efetivamente da construção do projeto pedagógico da escola para nele inserir os valores e princípios que serão considerados, naquele momento e contexto, como os mais importantes; conhecer a realidade do aluno, dos colegas e de si mesmo para nelas compreender os valores colocados pelos grupos e pela cultura; administrar conflitos considerando os valores neles envolvidos e possibilitando a exposição e construção de valores que levem à moralidade autônoma.

Se ética e moral se constituem como lugares diferentes na filosofia, elas convergem para um mesmo campo de realização, o da práxis, o da ação, pois o indivíduo que age e a finalidade da ação não se separam do outro que recebe essa ação. A diferença entre ética e moral pode ser observada no trecho a seguir (Chauí, 1995, p.82):

“A primeira palavra vem do grego, *ethos*, e a segunda do latim, *mores*, significando os costumes estabelecidos por uma sociedade, como normas, regras e valores que determinam o comportamento de seus membros. Todavia, sob outros aspectos, os dois conceitos se referem a realidades diferentes, quando consideramos outra palavra grega, cuja grafia é diferente da já mencionada, embora, para nós, seja lida da mesma maneira: *ethos*, significando, agora, caráter, índole, temperamento, disposição física, e psíquica individual. O *ethos* é a maneira pela qual um indivíduo realiza sua natureza própria e, nessa acepção, a ética refere-se à educação do caráter dos indivíduos em vista da felicidade, da vida justa e livre que, para os gregos, só era possível como vida política”.

A moral diz respeito, assim, ao comportamento normativo do indivíduo nos primeiros anos de vida, que é definida pela sociedade dos adultos, isto é, heterônoma, podendo após o desenvolvimento intelectual e afetivo tornar-se autônoma (Piaget, 1977). A autonomia moral está diretamente ligada à democracia radical, aos princípios de solidariedade, responsabilidade e liberdade. O mesmo autor abordou o tema da moralidade indo a campo, investigando crianças de diferentes idades nos jogos, buscando compreender a gênese da prática moral sem oferecer códigos. E, sem se desligar das preocupações éticas, estudou as dimensões das regras morais do ponto de vista dos princípios das relações de coação e de cooperação (Piaget, 1977). Apesar da diferença entre ética e moral, três pontos lhes são comum: 1) a causa de seu aparecimento, pois tanto para a prática ética quanto para o comportamento moral se definem pela disposição do indivíduo (no caso da ética) e da sociedade (no caso da moral) de pôr fim à violência, um dos grandes desafios da sociedade moderna; 2) pelo campo de realização, as duas, ética e moral, constituem-se o campo da práxis, em que o agente, o ato e a finalidade da ação são uma só e mesma coisa; 3) pela sua diferença com relação aos conhecimentos teóricos e às práticas técnicas. Em outras palavras, teoria e técnica operam no campo do necessário, enquanto a práxis ética opera no campo do possível, isto é, do que poderá ser diferente do que é frente à

nova ação dos humanos (Chauí, 1995, p. 82-83). O que nos impulsiona a realizar o ensino de ética por meio da música, como a atender um sentido de compromisso e responsabilidade social perante um mundo em mudança e ou em crise de valores.

Acredita-se que situar essas similaridades entre ética e moral nos permite pensar melhor a ação educativa das crianças e com as crianças. Nos horizontes que se abrem com a orientação epistemológica piagetiana, a educação surge como detentora de um amplo e complexo universo de compromissos e responsabilidades (Piaget, 1976, p. 1):

visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento dos direitos do homem e das liberdades fundamentais consiste em formar indivíduos capazes de autonomia intelectual e moral e respeitadores dessa autonomia em outrem, em decorrência precisamente da regra de reciprocidade que a torna legítima para eles mesmos.

A educação pensada sob essas premissas tem como compromisso maior permitir que as pessoas ultrapassem o egocentrismo intelectual e moral: é uma educação para o desenvolvimento ou, em outras palavras, uma educação para a construção da autonomia moral e intelectual. A educação para o desenvolvimento repousa na *inter-ação* que privilegia a *co-operação* que, na perspectiva piagetiana, significa coordenar ações com outrem, o que acontece no aprendizado de vivências musicais e de valores.

Afirmar que o indivíduo só alcança a lógica graças à cooperação significa supor simplesmente que o equilíbrio de suas operações está subordinado a uma capacidade indefinida de intercâmbio com outrem, portanto, subordinado a uma reciprocidade completa. (...) O intercâmbio intelectual (...) é comparável a uma imensa partida de xadrez, disputada sem trégua, tal que cada ação, cumprida em um dado ponto, suscita uma série de ações equivalentes ou complementares por parte de ambos os jogadores: as leis do agrupamento constituem, apenas, as diversas regras capazes de assegurar a reciprocidade entre os jogadores e a coerência de seu jogo (Piaget, 1973, p. 211).

Podemos dizer que o ensino de ética nas escolas deve ser ancorado em exemplos de alguns autores da atualidade, os quais afirmam que a escola é um dos principais espaços sociais para a educação moral (Carvalho, 2002, 2004; Goergen, 2007), na qual pais e professores clamam pela urgência desta educação embora possam discordar sobre o quanto cabe a um ou ao outro por fazê-la; por isso, as relações entre escola e comunidade são importantes para uma educação moral bem-sucedida (Aquino e Araújo, 2000). A educação moral escolar é melhor quanto mais ampla ela se apresenta na escola, envolvendo toda a comunidade e espaços escolares (Tognetta e Vinha, 2007; Trevisol, 2011). Se a autonomia moral deve ser uma finalidade, os procedimentos educativos devem privilegiar atividades que envolvam situações de problematização em pequenos grupos, mediatizadas pelo diálogo e pelo respeito à diversidade e a democracia deve estar num processo contínuo de construção e prática, como meio e finalidade (Piaget, 1996). Não é possível que a escola em nome de uma neutralidade ou relativismo moral não se situe em relação aos valores morais e ou éticos considerados mais

relevantes e urgentes para a socialização e dignidade de seus alunos (Goergen, 2007; Menin, 2002.). A educação em valores se dá por diferentes meios; mas os mais eficientes e duradouros são os relacionados aos modelos recebidos e às práticas necessárias desempenhadas em situações reais. A simples transmissão de valores prontos é pouco eficaz (Zabalza, 2000; Carvalho, 2002).

Pode-se empregar a palavra *Ética* de modo concreto na atividade pedagógica, referente à prática de virtudes, uma vez que o termo para o ensino de *Ética* é usado na legislação brasileira para a educação. A *Ética* deve aparecer não só como uma possibilidade de reflexão sobre o significado da vida em comum, mas na qualidade de um tipo de conhecimento que deve ser ensinado de forma prática. De forma que os princípios éticos aconteçam na vida da pessoa e venham a ser construídos cada vez mais solidamente para se tornarem vitais a cada um, a ideia de uma prática escolar sob a metodologia de um tema transversal é possível. A discussão referente à *Ética/Educação* como Tema Transversal se impõe a todos que trabalham com Educação, sejam professores, coordenadores e outros profissionais (Sucupira Lins, 2007, p.8). A função da música – tal como a da arte – repousa no sentido de proporcionar um tipo de auto expressão livre. De fato, tem ela sido denominada *disciplina de expressão*. Enriquece a vida da criança por meio das oportunidades que lhe oferece para participar dos sentimentos de outros e expressar seus sentimentos a outros, enquanto observa, ouve, executa e cria. Como elemento de socialização, tem também grande valor (Bréscia, 2011, p.86).

Considerações finais

Esse estudo apresentou uma reflexão sobre o ensino de ética, pensando nas dificuldades materiais e humanas, por que passa a educação, a sala de aula e o professor. A educação é um reflexo do momento sócio afetivo, cultural, político e econômico que vive a sociedade contemporânea, e, da mesma forma, o inverso acontece. Educação e sociedade se influenciam mutuamente. São interconectadas. Ensino da ética por meio de virtudes pode soar como um elemento estranho tal a carência em que se encontra a humanidade, ávida por reencontrar um bom caminho. Ao mesmo tempo reeditar uma antiga e propagada ideia divulgada trazida por filósofos que escreveram seus nomes na história do conhecimento, agora em nova perspectiva. Ao se pensar que a ética é tema transversal e, portanto, deve fazer parte das atividades da sala de aula contemporânea pode-se pensar em possibilidades e alternativas para todas as disciplinas, de forma interdisciplinar ou não. O ensino de ética pode contribuir para uma sociedade mais justa, mais humana. Esse é o objetivo, no qual se pode encontrar uma forma de atender aos reclames de uma sociedade que pede por justiça, por respeito e por integridade. Sobre o desafio de estabelecer a relação entre o ensino de ética, a construção da identidade e a educação em valores de um professor de música na contemporaneidade, não se pretende esgotar as possibilidades sobre a temática nesse estudo. Pode-se concluir que o professor deve refletir sobre as possibilidades de uma educação voltada para a ética e para os valores durante o decorrer do ano letivo, nas salas de aula e fora destas, em todas as disciplinas, de forma sistemática e intencional, criando e recriando outras metodologias e elencando outros recursos. Os trabalhos e atividades desenvolvidos devem conter posturas, comportamentos e atitudes que incentivem o desenvolvimento de virtudes tais

como justiça, respeito, temperança, fortaleza e honestidade, as quais devem e podem ser traduzidas em hábitos de valor, possibilitando vivências e trocas significativas entre os alunos e professores, trazendo outra realidade para a sala de aula, para a escola, para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília DF, Parâmetros Curriculares Nacionais – v. 8, 1997.
- _____. Estudos Sociológicos: Rio de Janeiro. Editora Forense, 1973.
- _____. O Julgamento Moral na Criança: São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- _____. Formação de professores e educação em direitos humanos e cidadania: dos conceitos às ações. Educação e Pesquisa. São Paulo, v.30, n.3, set./dez.2004.
- _____. Avaliação da aprendizagem de ética no Ensino Fundamental. *Ensaio: aval. públ. Educ.*, Rio de Janeiro, v.23, n. 88, p. 763-790, jul./set. 2015.
- _____. Formação do Educador e a questão da Ética – revista FAEBA- Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 12, n. 20, p. 353-362, jul./dez 2004.
- AQUINO, J. G.; ARAÚJO, U. F. Em Foco: Ética e educação. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.26, n. 2, Jul/dez. 2000.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro; Zahar, 2001.
- BOFF, L. Como fundar a ética hoje? Folha de São Paulo, 16 de jun.2003.
- BRASIL. *Lei n. 11.769, de 18 de agosto de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de agosto de 2008.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Diário Oficial da União. 23 dez. 1996.
- BRÉSCIA, Vera Pessagno. Educação Musical: Bases psicológicas e ação preventiva. Campinas: Átomo, 2011.
- CARVALHO, J. S. Podem a ética e a cidadania ser ensinadas? Pro-posições: Revista da Faculdade de Educação. Campinas. v.13, n.3, 2002.
- CHARLOT, B. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. (orgs). Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CHAUÍ, M. Público, Privado, Despotismo. In NOVAES, A. (org.) Ética. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.345-390.
- DEWEY, J.; TUFTS, J. Ethics. Henry Holt and Company: New York, 1952.
- DUBAR, C. La socialization. Construction des identités sociales e professionnelles. Porto: Asa, 1991.
- FRANKL, V. Alla ricerca di un significato della vita. Milano; Mursia, 1974.
- GOERGEN, P. Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol.28, n.100, Especial out, 2007.
- GOMES, C.A. A educação em novas perspectivas sociológicas. 4 ed. São Paulo: EPU, 2005.

- LA TAILLE, Yves de. A educação moral: Kant e Piaget. In: MACEDO, Lino de (Org.). Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 37-104.
- LOPES, P. Libertar o desejo, resgatar a inovação: a construção de identidades profissionais docentes. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2005.
- MACINTYRE, A. Depois da virtude. São Paulo: Edusc, 2001.
- MEKSENAS, P. Existe uma origem da crise de identidade do professor? *Revista Espaço Acadêmico*, Ano XVII dezembro 2003. <<http://www.espacoacademico.com.br/031/31cmeksenas.htm>>.
- MENIN, M. S. S. Valores na Escola. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2002 p. 91-102.
- NÓVOA, A. Os professores e suas histórias de vida. Porto: Editora, 2000.
- PIAGET, J. Os procedimentos de Educação Moral; em MACEDO, L. (org.) Cinco Estudos de Educação Moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1976; p.1 – 36.
- PUIG, J. M. A construção da personalidade moral. São Paulo. Editora Ática, 2000.
- PUIG, J. M. Ética e valores: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1998.
- RORATTO, J.M. Modernidade, pós-modernidade e os reflexos na educação. *Revista Educação*, v.35, n. 3, set/dez. 2010 <http://dx.doi.org/10.5902/198464442367>
- SMALL, C. Musicking: a ritual in social space. Cielo: Texas, 1995.
- SUCUPIRA LINS, M.J. da C. Educação Moral na perspectiva de Alasdair MacIntyre. Rio de Janeiro; ACCESS, 2007.
- TOGNETTA, L. R. P.; VINHA T. P. Quando a escola é democrática: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- TREVISOL, M.T.C. Práticas e/ou experiências pedagógicas em Educação Moral. In: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba/Pr. 7 a 19 nov.2011.
- WEIGEL, Ana Maria Gonçalves. Brincando de Música: Experiências com sons, ritmos, música e movimentos. 1 ed. Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- ZABALZA, M. Como educar em valores na escola. *Revista Pátio*. Porto Alegre, ano 4, n.13, jan./jul. 2000.
